

Livro reconstitui história dos índios Suruí

Vozes da Origem é o nome da obra escrita pela antropóloga e economista Betty Mindlin, com a colaboração dos indígenas

MILTON F. DA ROCHA FILHO
Agência Estado

São Paulo - A cientista social, antropóloga e economista Betty Mindlin está lançando o livro *Vozes da Origem*, onde reconstituiu, com auxílio de índios Suruí, histórias, lendas e mitos destes indígenas que moram em Rondônia, na região Amazônica, e que falam uma língua do tronco Tupi. O livro será lançado hoje, na Livraria da Vila (Rua Fradique Coutinho, 915), a partir das 18h30.

Para o antropólogo Darci Ribeiro, através deste trabalho foram salvos, pela escrita e pela edição, algumas "faces originais do espírito dos povos da floresta, que sem Betty teriam se perdido".

Vozes da Origem apresenta uma série de contos narrados por alguns Suruí, resgatando histórias de seus antepassados. "Não faria nada se não houvesse a ajuda de índios pesquisadores também", explicou. Para conservar sua pureza, as histórias foram simplesmente traduzidas da língua original para o português.

Betty Mindlin chegou à Rondonia em 1978, juntamente com a antropóloga da USP, Carmen Junqueira. "Levamos recursos de fundos internacionais que pesquisavam a preservação da cultura indígena no País. Escolhi os Suruí do avião, quando vi suas malocas. Eu era formada em economia na USP e me preparava para dar aulas na FGV. Aí decidi fazer doutorado com a Carmen. Uma pessoa extraordinária. Fui com ela. Carmen foi estudar os Cinta Larga e eu os Suruí", disse.

Mundo mágico - Os Suruí foram contatados pelo indigenista Apoena Meirelles em 1969 e começaram a morar no posto da Funai em 1973. "Eu vi praticamente este grupo saindo do mato. Os homens usavam calções, as mulheres não. A língua deles é do tronco da Família Tupi. Falo um pouco desta língua, o suficiente para me comunicar com eles. Foi um mês de estudos e de maravilhas em volta. Quase não conseguia dormir", contou. O indigenista Apoena Meirelles foi quem fez o contato com eles em 1969.

"Queria preservar este mundo, um mundo mágico que fascina a gente. Queria combinar isto com o mundo da

fronteira, o mundo capitalista." A escritora conta que foi bem recebida pelos índios. Os Suruí eram muito comunicativos. Eram índios guerreiros, reivindicativos, fortes. "O meu encantamento com eles era grande. Foi uma simpatia imediata. Acompanhei-os em todas as roças, queria saber o que havia de coletivo. Eles ficavam admirados. Nunca me passou pela cabeça ter medo disto. Foi uma relação de confiança imediata", conta.

Betty diz que chegou a dormir nas malocas, a convite deles. "Havia uma família com que ficava mais. No entanto, ela não ficava apenas com esta família. "Se a gente ficasse com uma família só, as outras ficavam com ciúmes." Ela classifica sociedade dos Suruí de comunitária. Se chegar alguém da tribo de fora, recebe o seu pedaço de terra, mas de acordo com os seus laços de parentescos, sienta a cientista.



CONTATO
Garoto exhibe adornos típicos de contas de tucum e pedras "protetoras", junto a brinquedos dados para atrair sua confiança



CACHIRI
Menina prepara uma bebida nutritiva e fermentada, à base de milho, em grande pote de barro feito por sua mãe

"Queria preservar este mundo, um mundo mágico que fascina a gente. Queria combinar isto com o mundo da fronteira, o mundo capitalista"

Laços de amizade

São Paulo (AE) - As festas rituais dos Suruí, segundo Betty Mindlin, são lindíssimas, havendo ofertas de vários produtos. Na aldeia, as mulheres são submetidas aos homens, e há arranjos de casamentos, entre outros costumes preservados. "Para se entender bem os Suruí é preciso compreender os laços de parentesco", explica.

Betty Mindlin ficou com os Suruí por cerca de 2 anos. "Mantenho relações com eles até hoje. Muitos deles já se hospedaram em minha casa, que é um verdadeiro museu da cultura Suruí em São Paulo."

Integrante da organização não governamental Instituto de Antropologia e Meio Ambiente (Iama), fundado em

1987, para lidar com populações tradicionais e ambiente, Betty lembra que uma das primeiras coisas que o Iama fez foi um projeto de saúde para os Suruí. O projeto deu certo e está sendo coordenado por uma organização local. A partir do projeto de saúde, a taxa de crescimento da população Suruí vem evoluindo a razão de 5% ao ano. "Isto mostra que deu certo", afirma.

Doenças - A tuberculose é a doença mais combatida ainda hoje. Quando os índios foram contatados pela civilização, em 1969, sofreram muito com a doença que dizimou quase a metade da aldeia. Sofreram também com o sarampo. O combate à doença melhorou a partir da vacinação.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL	Fonte	Proprietário (501)
	Data	6/18/1996 Pg
Class.	Suruí	169

Documentação